

A Festa do Sairé em Alter do Chão (PA): memória e resistência (período 1943 a 1973).¹

CLÁUDIA LAURIDO FIGUEIRA*

I. Introdução

Alter do Chão, localizada à margem direita do rio Tapajós, é distrito administrativo do município de Santarém, no Oeste do Pará. Em meados do século XVII, constituía a missão dos Boraris, nome atribuído pelos jesuítas em referência aos índios Boraris que habitavam a região. Após a expulsão da ordem jesuítica, Medonça Furtado, seguindo a política pombalina, em março de 1758, elevou a missão à categoria de vila, nomeando-a, Alter do Chão.

Alter do Chão é conhecida como o “caribe brasileiro” por apresentar praias de areias brancas e águas transparentes do rio Tapajós, o que atrai turistas, principalmente, da capital amazonense. O acesso à vila, hoje, pode ser realizado pela estrada PA-457, ou por via fluvial, através do rio Tapajós, num trajeto que tem duração de três horas. Desde a década de 1970, a vila de Alter do Chão foi percebida pelo poder público municipal na perspectiva turística, porém só em meados da década de 1990, as ações públicas municipais se fizeram mais pontuais, para concretizar projetos que incluíssem as praias de Alter do Chão como a principal atração turística da região. No entanto, a vila não apresenta apenas um cenário natural, exuberante e encantador para os que buscam lazer no verão ou sossego no período da cheia do Tapajós. Todo ano, na segunda semana de setembro os moradores de Alter do Chão quebram a rotina cotidiana e vivem a festa do sairé que foi articulada num processo ativo de reconstituição da memória realizada pelos moradores de Alter do Chão em 1973.

A história do sairé é permeada de tensões, reafirmação de memória e conflitos que podem ser evidenciados, respectivamente nos anos de 1943, 1973 e 1996. Esta pesquisa tem o propósito de discutir a festa a partir do seu movimento histórico, pois como nos orienta Perez, “temos que

¹Trabalho desenvolvido sob a orientação do Prof^o Dr^o Almicar Torção Filho.

*Universidade Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestranda em História Social. Bolsista CAPES.

conhecer a história da festa, seu contexto sociocultural, político e econômico local e global.” (PEREZ, 2012:70). Nesse sentido, são significativas as memórias dos moradores antigos e as lideranças que atuaram como agentes relevantes no processo de “salvamento da memória” na expressão de Le Goff, visto que há 30 anos os padres americanos haviam proibido o sairé, fato bastante recorrente nas lembranças dos moradores da vila. Assim, é instigante saber o motivo pelo qual foi significativo reconstituir o sairé em 1973? Porque, depois de 30 anos, os moradores resolveram trazer de volta essa manifestação cultural? Qual o significado dessa festa para esses sujeitos sociais?

Nesse sentido, discutir a festa do sairé requer de antemão trazer à tona sua história permeada de tensão, reafirmação de memória e conflitos, presentes nos anos de 1943, 1973 e 1996. Em 1943, o sairé é proibido pelos frades americanos da Província do Sagrado Coração de Jesus, e só retomado novamente em 1973, quando os moradores de Alter do Chão se articulam através de um processo de memorização. Em meados de 1996, a prefeitura introduz mudanças na festa as quais geraram tensões entre os comunitários e os representantes do poder público municipal, pois este mudou o sentido da festa, projetando-a na perspectiva turística. Portanto, faz-se necessário, pensar o sairé numa perspectiva dinâmica, de movimento, pois festa é movimento, é vida; assim, é preciso problematizar o sentido da festa para as lideranças e para os moradores antigos da vila de Alter do Chão.

Desse modo, as entrevistas com as lideranças e com os moradores antigos da vila foram fundamentais para compreender as articulações desses sujeitos sociais na reorganização do sairé, há 30 anos proibido. Outros documentos serão interligados com as entrevistas, como a carta pastoral do Jubileo da Prelatura de Santarém de 1932; o anuário da prelazia de Santarém e de 1975 a 1978; o apontamento publicado pela cúria prelatícia em comemoração ao cinquentenário da prelazia de Santarém (de 1903 a 1953); Tais documentos serão discutidos e articulados de forma que possam contribuir para a compreensão do porquê da proibição da festa.

II. O Sairé e a Igreja Católica: razões da proibição

Discutir as razões que levaram os padres americanos proibirem o sairé tornou-se um desafio, pois até o momento ainda não foi localizado documento que comprove tal ação da Igreja Católica. No entanto, os moradores de Alter do Chão que foram entrevistados trazem à tona esse fato. Embora essas lembranças sejam fragmentadas, chegam ao presente como vestígios do passado, selecionado por estes sujeitos sociais como um evento que deve ser lembrado. Como nos adverte Benjamim: “O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido”. (BENJAMIM, 1986:224).

Dessa forma, as lembranças dos moradores constituíam a única evidência do fato da proibição do sairé. Assim, foi necessário realizar um trabalho através dos indícios para montar uma possível explicação sobre os motivos de tal proibição.

Nesse sentido, a obra de Manoel Nunes Pereira, intitulada: “O sahiré e o marabaixo”, publicada em 1989, trouxe algumas indicações. O autor realizou um levantamento, referente ao período de 1943 a 1950, das festas religiosas e profanas da região Amazônica, especificamente nos estados do Amazonas, do Pará e do Amapá. Sua pesquisa além do trabalho de campo foi embasada pelo diálogo que o autor estabeleceu com viajantes, religiosos, naturalistas, literatos, dentre outros, que estiveram na Amazônia entre os séculos XVIII e XIX e presenciaram o sairé, descrevendo-o em seus relatos.

Através da pesquisa que incluiu entrevistas com moradores antigos e observação de práticas festivas, Nunes Pereira, esboçou um mapa localizando as regiões onde o sairé ocorreu (no Amazonas: em Marabitanas, em Tameduay, em Barcelos, em Mura, em Manaus, em Silves, em Maués e em Paritins; no Pará: em Alter do Chão, em Santarém, em Óbidos e em Alenquer; no Amapá: em Mazagão e em Macapá). Isso possibilitou também identificar aspectos comuns e peculiares dessa manifestação cultural. Nunes objetivava através da pesquisa “reconstituir” a cerimônia do sairé a partir das memórias dos moradores entrevistados.

Em fevereiro de 1951 Nunes esteve em Alter do Chão. As informações coletadas na vila entre os moradores, na opinião do autor foram relevantes para reconstituir a cerimônia, os símbolos e os personagens do sairé, além disso, trouxe um possível indício do motivo de sua proibição:

Quem nos acompanhou até esses objetos informou que, havendo o Padre, vigário da Igreja de Nossa Senhora da Saúde, pretendido modificar certas cerimônias do Sairé, a velha Sabina – espécie de Maria Moaçara ... com raiva indisfarçável, propôs que, enquanto ali permanecesse aquele Padre, não realizassem mais os moradores de Alter do Chão festa alguma com a presença do Sairé. E isso vem sendo observado rigorosamente. (NUNES, 198: 72);

De acordo com Nunes contato com dona Sabina não foi possível devido à sua ausência na vila na ocasião da pesquisa. Mas é instigante questionar: que aspectos da cerimônia não estavam de acordo com os preceitos da igreja ou com a visão do novo padre? Infelizmente, os informantes de Nunes não concederam mais detalhes a esse respeito. Analisando o trecho acima, pode-se inferir que a proibição do sairé teria surgido em detrimento do desentendimento entre lideranças da vila e o padre. Resta saber: quem era o padre? Nas referências das lembranças de dona Luzia Lobato, o nome do padre não é mencionado quando ela narra o fato da proibição, apenas lembra que foi “na época dos padres americanos de Belterra”.

Bem, aí o padre viu que já estava muito avançado o Sairé. Ele acabou e não consentiu e o pessoal deixavam levar por tudo que o padre dizia e aí acabou, não me lembro o ano. Na naquela época eram os padres americanos lá de Belterra que atuavam aqui. Mas talvez lá pelos anos 40.²

Estabelecendo-se as ligações entre os relatos dos moradores de Alter do Chão, foi possível localizar na tese de doutorado da professora Maria do Socorro Santiago o nome do padre que efetuou o ato da proibição. Em pesquisa realizada em 1996, a professora entrevistou o senhor Argentino Sardinha, o qual relatou sobre o assunto: “Quem cancelou a Festa do Sairé em Alter-do-Chão, foi Frei Severino, padre americano. Isso aconteceu em 1944. Eu lembro de tudinho. Desde lá ficou parado”.³

²Entrevista concedida por Lusía Lobato em 2006.

³Entrevista concedida a Maria do Socorro em 1993

Seguindo essa indicação nos anuários da Prelazia foi possível localizar informações sobre a presença dos “padres americanos” em Santarém.

A Prelazia de Santarém foi criada em 1903, sendo seu primeiro prelado D. Frederico Costa que atuou apenas até o ano de 1907, quando foi empossado bispo de Manaus. Para conduzir a prelazia, a Santa Sé a entregou nas mãos de Padres Franciscanos da Província de Santo Antônio do Brasil Setentrional. O segundo Prelado a assumir, foi Frei Dom Amando Bahlmannque atuou até 1939, ano de sua morte, apenas em 1941 seu substituto foi investido no cargo, o Monsenhor Anselmo Pietrulla que atuou até 1949. Ao assumir, a prelazia Monsenhor Anselmo realizou visitas pastorais e percebeu necessidades das paróquias, dentre as quais, a falta de sacerdotes. De acordo com dados do anuário de 1978, a Prelazia de Santarém abrangia uma área de 600.000 km², pois, em 1934, já havia criado a Prelazia de Xingu. Santarém contava com 18 paróquias; destas em 1940, apenas 7 eram atendidas por padres residentes. Diante de tal situação, o prelado articulou a vinda de padres franciscanos da América, pois a “província de Santo Antônio na Bahia não tinha elementos quantitativos para provê-la do número de padres que precisavam”, e com o início da II Guerra Mundial, praticamente ficou impossível trazer padres da Alemanha (...). (Anuário da Prelazia de Santarém, 1978: 81).

Nesse contexto, os “padres americanos” chegam a Santarém(PA) para realizar trabalhos pastorais na região do Tapajós, desprovida de clérigos. Havia certa preocupação com essa região, dado o fluxo populacional crescente, principalmente, em função de nordestinos que se dirigiam a Belterra e Fordlândia para trabalhar nas plantações de seringa. Além disso, o Monsenhor Anselmo Pietrulla preocupava-se com um possível avanço dos protestantes, como sugere o apontamento publicado pela cúria prelatícia:

(...). enorme falta de sacerdotes nas paróquias do Tapajós, onde os protestantes iam tomando pé em escala alarmante e procurou dar uma solução a este problema, chamando Padres Franciscanos da América do Norte para as ditas paragens.. (apontamento publicado pela cúria prelatícia, em colaboração com os PP. Franciscanos de Santarém. Santarém, 1953:34);

De acordo com as informações do anuário havia uma preocupação com a região do Tapajós, a qual contava com 4 paróquias onde estavam localizadas Belterra e Fordlândia, redutos da Companhia Ford. Se se considerar a extensão da Prelazia, existiam outras regiões desprovidas de cléricos, no entanto, a região do Tapajós, e, em especial, Belterra e Fordlândia aparecem na escala de prioridade do Monsenhor Anselmo Pietrulla. Embora seja fato a carência de padres em toda a Prelazia, é também curioso pensar que havia outras preocupações do prelado, como a presença de igrejas protestantes na região, pois em Belterra e Fordlândia, além, dos nordestinos também chegavam as igrejas protestantes, como a Batista e Adventista.

Em 25 de junho de 1943, chegam a Santarém os freis Tiago Ryan, frei Junípero Freitag, Severino Nelles e Tadeu Prost da Província do Sagrado Coração de Jesus, sediada em St. Louis, nos Estados Unidos da América do Norte. Em 21 e julho, Frei Severino Nelles foi nomeado Vigário de Belterra, e juntamente com Frei Tadeu Prost fixaram residência nesta localidade. Frei Thiago Ryan e Frei Junípero Freitag foram designados por Dom Frei Anselmo para atuarem em Fordlândia. É interessante destacar que Alter do Chão, na época, tinha a função de sede da paróquia da região do Tapajós, dessa forma, os padres americanos deveriam residir na vila. No entanto, isso não ocorreu. Assim, estabeleceram residência em Belterra devido ao grande fluxo populacional, a qual se transformou no novo centro religioso e paroquial. Com o término da construção da Igreja de Santo Antônio, em 1953, a sede paroquial de Alter do Chão é transferida para Belterra. Esse fato é bastante significativo para compreender a relevância da vila de Alter do Chão até 1943; nessa época as comunidades localizadas ao longo do rio Tapajós se deslocavam para a vila em tempo de festa. Seu Laudelino Sardinha, traz a referência à atração que a festa do Sairé exercia sobre as comunidades que circundavam o Tapajós:

Até 1943 faziam junto a festa e varias pessoas acreditavam que o Sairé era Santo. A Igreja Católica em 1943 proibiu a festa. Em 1943 foi a última festa do Sairé. A Igreja Católica não permitiu, porque já estava virando uma religião e o pessoal estava vindo de outras comunidades, sabe, pra participar da festa do Sairé e não da festa da Padroeira.⁴

⁴Entrevista concedida por Laudelino Sardinha em 2006.

A referência “o pessoal estava vindo de outras comunidades, sabe, pra participar da festa do sairé e não da festa da Padroeira”, é compreensível devido à influência que a vila exercia naquele contexto, pois Alter do Chão até 1943 tinha função de destaque, era paróquia, e portanto, centro espiritual da religião naquele local. A instalação do Comissariado do Sagrado Coração de Jesus em Tapajós possibilitou a assistência espiritual da região e a instalação de três residências: Belterra, Fordlândia e Boim, pois até 1953 havia 14 sacerdotes e 3 irmãos que trabalhavam nas paróquias do Tapajós.

Completando essa referência sobre o esvaziamento do papel de Alter do Chão como paróquia até 1943, é expressivo o relato de seu Argentino Sardinha:

Eu tenho lembrança que nós um dia, nesse negócio de puxirum, serviços que a gente faz, eu com minha sobrinha Nazaré, pensamos que era bom fazer um movimento pra chamar mais atenção pra cá. Nossa comunidade estava muito fraca. As festas não tinham mais o sentido de grandes movimentos como antigamente, que todo mundo vinha pra cá. Prás festas de nossa senhora da Saúde, quando o sairé fazia parte, naquelas alturas de 1920, vinha muita gente porque nesse Tapajós tinha poucas igrejas. Por isso todo mundo vinha na festa. Agora, não ... Então vamos fazer um movimento. Vamos fazer o sairé. (...)⁵

É interessante estabelecer relação entre os dois relatos das lideranças, senhor Laudelino Sardinha e Argentino Sardinha. Embora esses relatos tenham sido feitos em épocas diferentes, o primeiro, de Laudelino Sardinha, em 2006, e o segundo, de Argentino Sardinha, em 1993, treze anos de diferença entre eles, pode-se perceber recorrência significativa quando ambos destacam o papel dinâmico que Alter do Chão exercia na época da festa da padroeira, na qual o sairé também se apresentava misturando-se à festa católica. Ambos os entrevistados associam essa concentração de pessoas na vila ao sairé, este exercia uma função integralizadora entre as várias comunidades do Tapajós e do Alter do Chão. Na expressão de seu Argentino Sardinha, a festa, em meados de 1920, tinha o “sentido de grande movimento”. No entanto, é compreensível reafirmar que nas várias comunidades ao longo do Tapajós, Alter do Chão mantinha certa influência por ser o centro paroquial daquela localidade. Portanto, o “grande movimento” de pessoas na vila em época de festa já era esperado, visto que, no Tapajós havia “poucas igrejas” como informa o entrevistado. A partir de 1943, os padres americanos se empenharam em construir igrejas ao longo do rio Tapajós, e, com a

⁵Entrevista concedida a Maria do Socorro em 1993.

chegada de novos padres, a região ficou bem assistida, como já foi mencionado anteriormente. Para reforçar esse aspecto, é importante destacar as informações apresentadas no anuário:

A região do Tapajós passou a ser a região servida por maior número de padres que imprimiram um novo método na pastoral. De início restauraram velhas igrejas e construíram novas, assim como semearam capelas pelas localidades ribeirinhas e despertaram nos fiéis novo fervor religioso incentivando a fundação de irmandades e promovendo a catequese escolar, embrião do futuro movimento catequético que viria a ser torna uma das metas importantes na pastoral da prelazia. (Anuário da Prelazia de Santarém, 1978:34)

Além disso, a transferência da paróquia de Alter do Chão para Belterra teria contribuído para esvaziar a “festa” do seu sentido de grande movimento”. O “novo método” da pastoral impresso pelos padres americanos que a direcionavam para outras ações, como o incentivo à “fundação de irmandades e promovendo a catequese escolar”, marcavam o prenúncio de “novos tempos” nos quais, o sairé não se enquadrava, e, portanto, apontavam a necessidade de o padre Severino Nelles, modificar “certas cerimônias” do sairé, como informa Nunes. As “certas cerimônias do sairé” não são mencionadas pelo autor, daí a limitação da fonte, porque não as indica, mas, ao que parece, elas tem uma carga de significado para os moradores de Alter do Chão, pois mesmo após os 30 anos da não realização do sairé, estes resolveram, em 1973, reorganizá-lo novamente, num outro contexto socio-cultural.

III. Festa e memória: o reviver da festa e seus significados.

Para discutir a festa do sairé em 1973 é imprescindível levar em conta as memórias dos moradores de Alter do Chão, principalmente, dos mais antigos, além das lideranças, para entender as motivações que instigaram esses sujeitos sociais a reorganizarem o sairé, o qual há 30 anos não ocorria na vila. Para contribuir com essa discussão, serão considerados os relatos de três moradores: dona Luzia Lobato; Terezinha Lobato e Argentino Sardinha. Com exceção do relato deste último, todas as entrevistas foram realizadas em 2006, e seguiram roteiro aberto que incluiu a história de vida dos entrevistados, pois considera relevante também ouvir as experiências e as vivências dos interlocutores, visto que, algumas evidências são abordadas no contexto pessoal. Nesse sentido, como orienta Portelli, é preciso manter uma pauta de trabalho flexível, “(...) a fim de incluir não só

aquilo que acreditamos querer ouvir, mas também o que a outra pessoa considera importante dizer” (PORTELLI, 1981:22).

O aspecto focado neste estudo será o processo de reconstituição do sairé na perspectiva dos entrevistados. Compreende-se que o ato de lembrar é um exercício individual. A memória se atualiza constantemente, alguns aspectos são mantidos, outros esquecidos ou reformulados. Assim como os sujeitos mudam, suas lembranças também se alteram. Portanto, através da metodologia da história oral, pode-se pensar o passado tendo em vista a subjetividade, pois o fato narrado por um sujeito está carregado de sua visão de mundo, de suas experiências e expectativas em relação ao futuro. É preciso estar atento não apenas às palavras dos entrevistados, mas também ao modo como essas palavras são ditas, aos gestos e à entonação de voz que acompanham a fala, além de serem relevantes os aspectos que os entrevistados selecionaram para serem lembrados.

Dessa forma, traduzir em palavras as lembranças dos entrevistados a cerca da festa do sairé em 1973, significa dentre outras coisas, ter a consciência de que o passado nunca poderá ser reconstituído tal como aconteceu e isso não é diferente para os documentos construídos a partir das memórias dos sujeitos sociais. De acordo com Portelli:

A memória acompanha a mudança, contudo, também resiste às mudanças que optamos por não fazer – o que nos remete novamente à História Oral como uma arte não só daquilo que aconteceu, como também daquilo que deixou de acontecer, aquilo que poderia ou deveria ter acontecido. Trata-se da memória como alternativa. (PORTELLI, 1981: 33)

O exercício de articular memórias de forma a construir um “texto dialógico de múltiplas vozes”, na expressão de Portelli, constitui um desafio, pois, a escrita precisa traduzir intersubjetividades que se cruzam no texto escrito.

Para iniciar o diálogo intersubjetivo, a primeira interlocutora a expressar suas lembranças sobre a reconstituição do sairé é dona Lusía Lobato, artesã, 87 anos, uma das moradoras mais antiga da vila de Alter do Chão. Ela se considera uma líder comunitária e participou ativamente do processo de reconstituição do sairé em 1973. Em sua residência, concedeu entrevista na qual apresentou o ritual do sairé, seus símbolos e suas personagens:

O sairé tava morto. O sairé morreu 45 anos, porque ele existia, aliás, mas ele não tinha uma festa dele mesmo. E aí então tinha esse mastro. Ele participava da festa, mas ele não era o dono da festa, ele participava na festa dos santos, da padroeira, do São José, do Santo Antônio, conforme o santo fosse festejado. Então, ele tinha aquela cerimônia de caixa, do escudo que vinha mordomos, mordomas, mas ele vinha pra complementar a festa. Então eles faziam um barracão lá onde é o posto médico, lá eles faziam o trono que a gente diz aquela igreja que eles colocavam o sairé, junto as varinhas, lá eles tinham almoço, eles tinham uma cerimônia e então quando dava a hora da ladainha. Naquele tempo era difícil a missa, se não era na época da festa. Aí eles vinham de lá acompanhando a procissão até chegar aqui. Pra acontecer isso tinha o dia da levantação dos mastros, por exemplo, num domingo antes eles iam buscar o mastro, já tinham cortado com certeza, né? O mastro vinha e deixava ali na coroa de areia aonde é ocajoeral agora era uma duna enorme, agora não há, acabou. Quando na véspera da festa já pra levantar, aí eles vinham buscar ia traziam pra praça e a gente enfeitava com aquela vassoreira, aquela murta, enchia de fruta e colocava uma bandeira vermelha e outra branca e quando terminava o negócio da cerimônia da reza eles saiam, de lá com a procissão, cortavam o mastro e aí no término da festa eles quebravam. Quando Santarém começou a se movimentar, vamos preservar nossa cultura, vamos buscar nossa cultura pra mostrar como era. Então nós, porque não resgatar o sairé. Foi que partimos para as reuniões, principalmente, ela a Teteia, que é a mulher do seu “Mingote, foi quem saiu na frente, inclusive ela que ficou como juíza do sairé e o juiz o primo dela e levantamos o sairé. Custou muito para chegar esse ponto.⁶

Na narrativa de d. Lusía Lobato, percebe-se que há três aspectos centrais: a proibição do sairé, na expressão “O sairé morreu em 45”; o ritual do sairé, seus símbolos, suas personagens e cerimônias; e a mobilização dos moradores de Alter do Chão para reconstituir a festa.

A compreensão do Sairé como cultura pode está relacionada ao movimento da cultura popular organizado pelo MEB - Movimento de Educação de Base – através da Feira da Cultura Popular, sendo a primeira realizada em 1969. O objetivo da feira era possibilitar ao homem do campo espaço para apresentar sua cultura, sua produção, além de, articular as comunidades rurais que o MEB atendia através dos seus projetos educativos. Essa entidade foi criada em 1965 pelo Bispo Dom Thiago Ryan, com o objetivo de realizar alfabetização de adultos através de aula radiofônica. Em Alter do Chão o MEB realizou cursos de artesanato e de orientação de liderança. Nesse contexto, a discussão articulada pelo MEB nas comunidades rurais, de alguma forma, pode ter contribuído para instigar uma cultura silenciada, como expressa dona Lusía Lobato:

Mas eu acho, eu vou me meter, eu achoque essa lembrança deles foi por causa da cultura, né Tete. (...)Então, se nós temos uma cultura e porque não botar pro limpo. Eu acho que foi

⁶Entrevista concedida por Lusía Lobato em 2006.

*isso que aconteceu, todo mundo tava distribuindo e botando e nós não tínhamos, então se o sairé era uma cultura daqui eu acho que isso é que fez a lembrança deles.*⁷

Na compreensão de dona Lusía Lobato o movimento da cultura popular em Santarém teria motivado seu Argentino e outros moradores da vila a retomarem o sairé. Portanto, sobressai a ideia de “preservar”, “resgatar” a “cultura” local, por isso, as reuniões e a escolha do juiz e da juíza foram fundamentais nesse processo, lembrado por dona Tereza Lobato: “Foi mês de janeiro, fevereiro e março, eu não me lembro mais o mês. Eu sei que não parou mais. Fizeram uma porção de bilheteinho e quando abri foi eu a juíza e seu Edno o Juiz, pronto. E agora, vamos se virar”.⁸

Prosseguindo a trajetória da reconstituição do Sairé, dona Terezinha Lobato, comerciante, 85 anos, relembra a articulação do senhor Argentino Sardinha ao convocar alguns casais de moradores para as reuniões:

*A ideia foi de Argentino Sardinha, Argentino Sardinha e o Braulio né. Eles paresque que conversaram, né? Então eles conversaram entre eles: Porque não renovar o sairé isso aquilo né? Aí parece que conversaram. É paresque, paresque é coisa que ninguém tem certeza né? que ninguém viu e nem ouviu, mas foram eles que iniciaram, que recomeçaram. E aí marcaram uma reunião e convidaram vários casais a onde foi Edimir e Nazaré, é aí que a Nazaré entra no meio, essa como não tem par foi só, aí eu fui com Mingote e outros e outros que eu não me lembro mais. (...) Argentino como era o ... como é o negócio daqui da vila? Mandão como é que a gente chama? Não, já tinha o Argentino, quando o Argentino ... administrador, pois é aí ele nesse tempo tomou a frente quem manda inventar né.*⁹

No relato de dona Terezinha, seu Argentino aparece como articulador do sairé, pois, a ideia partiu dele. O diálogo com este senhor seria fundamental. Infelizmente seu Argentino encontrava-se enfermo no período da realização das entrevistas, e logo faleceu, não sendo possível ouvir sua versão. No entanto, fragmentos do seu relato foram registrados na tese da prof^a. Santiago, em 1996. Embora seja uma documentação de segunda mão, seu conteúdo é significativo para estabelecer o diálogo das memórias da reconstituição do sairé:

⁷Entrevista concedida por Lusía Lobato em 2012.

⁸Entrevista concedida por Terezinha Lobato de Sousa em 2012.

⁹Entrevista concedida por Terezinha Lobato de Sousa em 2013.

Eu tenho lembrança que nós um dia, nesse negócio de puxirum, serviços que a gente faz, eu com minha sobrinha Nazaré, pensamos que era bom fazer um movimento pra chamar mais atenção pra cá. Nossa comunidade estava muito fraca. As festas não tinham mais o sentido de grandes movimentos como antigamente, que todo mundo vinha pra cá. Prás festas de nossa senhora da Saúde, quando o sairé fazia parte, naquelas alturas de 1920, vinha muita gente porque nesse Tapajós tinha poucas igrejas. Por isso todo mundo vinha na festa. Agora, não ... Então vamos fazer um movimento. Vamos fazer o sairé. (...) Tenho tudo registrado num livro. Eu formei uma comissão, fizemos as reuniões. A primeira foi no dia 12 de fevereiro de 1973. Aí fomos falar com o vigário daqui. Ele era padre americano, mas já era delicado não era bruto como os outros. Eles eram brutos, quando chegaram aqui ...mas esse concordou. Nesse ano nós fizemos a festa em junho. De 18 a 24 de junho que era época de São João. Então saiu a festa. Só ainda tinha a Rádio Rural de Santarém, nós jogamos lá e começamos a convidar o pessoal. Apareceu muita gente. Veio gente de todo esse Tapajós, do Arapiuns, de Santarém, muita gente! Daí continuou ...nós passamos pra julho que é o mês de férias.¹⁰

Neste relato há vários aspectos que potencializam a discussão do significado do sairé. Primeiro a ideia de reorganizá-lo em 1973 está relacionada ao passado que seu Argentino localiza no tempo - 1920 - quando as festas da vila “tinham mais sentido de grande movimento”. O sairé ressurgiu do “movimento” dos moradores de Alter do Chão, de um movimento que articula memória, ação e a necessidade de “chamar mais atenção” para a vila, embora alguns aspectos do sairé sejam mantidos, outros são incluídos, é o “novo” e o “velho” no “movimento” que articula passado e presente de forma dinâmica, pois a festa, é movimento, é vida. Esse processo de mobilização dos moradores através da comissão e das reuniões indica o grau de seriedade e de organização destes. Além disso, o diálogo com a Igreja parece ter sido estabelecido, quando o padre permite à comunidade trazer de volta a festa que a própria igreja havia proibido. Essa atitude do padre é compreensível dada a posição da Igreja na década de 1970.

É interessante perceber que a festa do sairé incluiu o ritual religioso vivido na procissão, na busca dos mastros, na ladainha. Os moradores de Alter do Chão lançam mão das memórias da Festa do Divino ocorridas em localidades próximas à vila. Os símbolos do sairé constituem a Coroa do Divino e o sairé, ambos carregados no cortejo por mulheres, o primeiro pela juíza, e o segundo pela saraipora¹¹. Dona Lusía Lobato relata:

¹⁰Entrevista concedida a Maria do Socorro em 1993.

¹¹ Denominação ao cargo atribuído à senhora que carrega o símbolo do sairé.

Aí fazer o quecom o sairé, vamos fazer o mastro, o barracão, mais ele vindo como o dono da festa. Aí cadê o santo? O santo não tinha. Como o sairé não pode ser o santo então a gente pediu um Espírito Santo que uma pessoa tinha uma imagem do Espírito Santo e que cedia pra ir pro barracão pra não ser o Sairé que não é santo, ai então o barracão era montado ai na praça e aí começamos a fazer o mesmo ritual, tirar o mastro, buscar, levantar na véspera da festa e o que a gente apresentava no salão, a gente não tinha o que apresentar no salão para chamar a atenção do povo, além da reza. Foi aí que nós fomos buscar nossas danças que a gente dançava nas colônias, nas festas antigas e nos puxirum, por que o nosso não é mutirão, é puxirum.¹²

No relato de dona Lusía Lobato, percebe-se a preocupação com a questão religiosa, embora o símbolo do sairé agregue as três cruces da Santíssima Trindade, compreende-se que ele não é santo, por isso, trazem para o campo do rito a imagem do Espírito Santo simbolizado pela Coroa do Divino, a qual possibilitou a introdução da ladainha.

Outro aspecto levantado por dona Lusía Lobato é a questão profana representada pelas danças antigas dos momentos “puxirums” traduzidos como trabalhos comunitários, espécie de ajuda mútua nas lavouras. Assim é nessa perspectiva que a festa é reorganizada pelos moradores de Alter do Chão em 1973.

Algumas considerações

Diante do exposto pode-se pensar que a festa do sairé é recriada através das memórias dos moradores de Alter do Chão no contexto em que o debate sobre cultura se fazia presente em Santarém e em Alter do Chão em função do trabalho do MEB. Imbuídos por esse debate, lideranças articularam suas ações no sentido de trazerem à tona uma cultura silenciada, mas que ainda estava presente na memória dos moradores de Alter do Chão. Portanto, a festa do sairé está permeada de significados os quais guardam relação com práticas culturais específicas dos moradores da vila e que eram compartilhadas por pescadores e agricultores que viviam ao longo do rio Tapajós.

O movimento de reorganização da festa significou uma tomada de posição dos moradores que trazem para a cena sua cultura, suas experiências de trabalho comunitário e suas lembranças através da Festa do Sairé, revivida no ano de 1973, agregando elementos “antigos” (a ladainha, a procissão,

¹²Entrevista concedida por Lusía Lobato em 2006.

os mastros, os cantos, os personagens, o tarubá¹³; barracão e os símbolos do Divino e do Sairé); e os “novos” agregados (as danças folclóricas e um novo calendário desvinculado da Igreja).

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DELGADO, L.A.N. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, v. 6, p. 17-25, junho. 2003.
- PEREIRA, Nunes. *O Sairé e o Marabaixo*. Recife: Massangana, 1989.
- SANTIAGO, Maria do Socorro de Farias. *Pelos caminhos do Sairé: um estudo do aproveitamento da cultura popular no teatro-educação*. São Paulo, 1996. Tese de Doutorado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- PEREZ, Léa Fretas, AMARAL, Leila, MESQUITA, Wania. (orgs.) *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

¹³Bebida fermentada feita da mandioca. É servida no sairé na busca dos mastros e na derrubação destes.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

15

PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Pós Graduação em História e do Departamento de História da PUC – SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 1981.